

## Adoções de uma vida. Por Juliana Fernandes Gontijo.

Maria Paola era contadora e vivia sozinha em sua casa depois que o marido morreu de insuficiência renal. Sem filhos, ela fez várias tentativas para adotar um animal de estimação e tudo dava errado. Com muitas crises de depressão, resolveu procurar um psicólogo.

- Anelisa, depois que meu marido morreu, há quase 8 anos, eu tento adotar um animal de estimação para eu ter uma companhia, mas nunca dá certo. Eu não sei o que acontece. É sempre um problema diferente. E começou a contar a sua história.

Por alguns anos, ela criou peixes, mas o gato da vizinha invadiu sua casa e comeu todos os 15 existentes no aquário. Traumatizada, decidiu que não teria mais peixes e muito menos, gato.

Tentou um cachorro, um “lulu da pomerania”. Por 3 meses, ele foi a alegria da casa, mas um ladrão arrombou sua residência quando estava numa viagem de fim semana. Além da TV, fogão e geladeira, levou Tofinho. A mesma vizinha, dona do gato assassino de peixes, gritou por socorro, mas o cachorro já estava dentro da caixinha de Pet do bandido. Não houve jeito, Maria Paola ficou sem o animal. Deu queixa na polícia, sem sucesso. O ladrão jamais fora encontrado.

- Tentei um papagaio. É alegre e dá pra brincar, assim poderia conversar com ele, pensei. Em 2 dias, descobri que a ave, comprada com as devidas licenças do Ibama, viera de alguma boca de fumo. Ele simplesmente sabia o nome das drogas mais comuns e até as sintéticas. Falou em nomes dos quais eu nem sabia da existência. Tinha um palavreado chulo e inconsequente dos bandidos do tráfico e imitava a sirene da viatura. Um dia, a polícia tocou a campainha, porque recebeu uma denúncia de crime na minha casa. O bicho “dedou” toda a rede de tráfico de drogas do bairro vizinho. O PM me orientou a devolver o animal. Na loja, exigi meu dinheiro de volta. O caso tomou proporções maiores, porque fui ameaçada por alguns bandidos, então vim parar a 850 quilômetros da minha terra natal.

A psicóloga tentava prender até a respiração para não rir da história da ave, mas não conseguiu.

- Do que a senhora está rindo? É verdade. Eu tenho ocorrência policial e tudo. Cheguei a gravar vídeos do papagaio, achando que fosse brincadeira as falas dele e o “assovio” da viatura. Olha aqui, oh! Posso continuar?

- Sim, claro. – Disse a psicóloga, prendendo o riso, enquanto assistia a um pequeno vídeo do papagaio.

- Ganhei uma tartaruga. Um ano depois, Ninja fugiu e nunca mais apareceu. Um veterinário me disse que era comum as tartarugas darem uma “sumida” dentro de casa, mas não! Ela não deixou rastros. Um vizinho chegou me dizer que a viu despencando da minha janela. Jamais foi encontrada no estacionamento.

Contou também que a calopsita, Joaquim, teve o mesmo destino, aprendeu abrir a gaiola, bateu asas e voou pela janela do apartamento.

- Então, decidi criar gerbil. Com 3 meses, eu tinha uma pequena turma de 10 roedores. O mesmo gato, que comera meus peixes, matou 10 bichinhos de uma só vez quando invadiu pela segunda vez o meu apartamento. Em pouco tempo, os outros 5 morreram naturalmente. Pensei num coelho, mas desisti. Eita, bichinho sujão.

- Caramba! Você não dá certo com animal mesmo, né? Vamos enumerar os bichos que tentou criar?

- Peixe, cachorro, papagaio, tartaruga, calopsita, gerbil. Gato, não! Matou meus peixes e meus roedores bonitinhos. E sem coelho. Ah, como me sinto muito sozinha... Não sei mais o que fazer.

- Bem, vou estudar o seu caso. Conversamos sobre sua vida e encontraremos uma solução, certo?

- Por favor, eu preciso de ajuda. Eu não aguento mais ficar sozinha, mas também não quero outro marido!

- Calma, mulher! Para tudo na vida tem um jeito. Você ainda é jovem, 55 anos...

- Também não é tanto assim, não é verdade?

- Vai dar certo, confie em mim!

A contadora frequentou assiduamente a sessões de terapia durante quase 1 ano. Ia contando toda a sua vida; os problemas que passou na infância com o abandono do pai. Armando saiu de casa um dia pela manhã, dizendo à esposa, Catarina, que iria a um boteco comprar pão e cigarro. O homem nunca mais voltou para a casa. Anos depois, a família ficou sabendo que ele fugiu com a dona do bar para a Argentina, onde a mulher tinha grandes propriedades de terra.

Contou também que estudou os primeiros anos da escola com muita dificuldade, pois sua mãe teve que cuidar de 5 filhos apenas com o pouco dinheiro que conseguia como faxineira. Aos poucos, a vida foi melhorando, porque Catarina passou em um concurso público para serviços gerais. Na secretaria de agricultura do estado, ela foi prestando outros concursos internos e chegou à aposentadoria com um cargo de gerência o que lhe rendeu uma boa economia em dinheiro até o fim da vida.

Com 30 anos, Maria Paola se casou com Alberto Isaacson, engenheiro civil. Ele foi o único amor de sua vida. O matrimônio durou 15 anos, até que ele faleceu. Nesse meio tempo, o casal tentou diversas vezes engravidar, mas não deu certo. Maria Paola sofreu muito com isso, mas pensava que ela talvez não tivesse vindo nesse mundo para ser mãe.

- E vocês nunca pensaram em adotar uma criança?

- Adotar?...

- Sim. Há tanta criança precisando de um lar por aí.

- Sinceramente, não!

- Quem sabe essa é a hora de você pensar sobre isso?

- Já estou velha para ser mãe. Um bebê? Não teria paciência para tanto! Fraldas, mamadeira... Ah, não é isso que eu quero nessas alturas da vida.

- Há muitas crianças e até adolescentes querendo uma oportunidade de família.

A Maria Paola emudeceu diante da conversa com a psicóloga. Prometeu pensar no assunto para a próxima sessão. Foram semanas refletindo sobre aquela ideia que, primeiramente, julgava ser bem estranha. De repente, quem sabe, talvez seria a “solução”?

Quatro meses depois da conversa sobre adoção com Anelisa, Maria Paola começou a visitar abrigos de crianças mais velhas entre 8 e 15 anos de idade. As sessões de terapia passaram a “ocorrer” dentro de várias instituições onde, certamente, a contadora iria conhecer algum menino ou menina que pudesse se familiarizar. Trocou ideias com várias crianças e adolescentes. Aprendeu muito com as experiências, mas não sentia nada de diferente.

Um ano após idas e vindas de abrigos e muitas conversas sobre filhos com a psicóloga, a contadora conheceu Joice. A menina de 10 anos havia sido abandonada pelos pais em uma caixa de sapato à beira do principal rio da cidade. Era esperta e inteligente e foi ela mesma que contou sua história de vida.

“Estranho isso, normalmente as crianças não sabem das suas origens ainda mais quando é uma história traumática.”

A direção do abrigo disse que preferiu contar tudo à garota, porque ela se mostrava muito agressiva por não conhecer suas origens. Depois de muitas reuniões com assistentes sociais, psicólogos e conselho tutelar, todos chegaram num acordo para contar a verdade à menina. A partir daquele dia, Joice mudou suas atitudes. Ela não entendia o que seus pais lhe fizeram, mas agradecia a Deus e a eles por tê-la deixado viva.

Por três semanas, Maria Paola visitava a garota diariamente. Uma das conversas foi decisiva para a contadora mudar sua opinião diante de tanta criança já conhecida:

- Sabe, dona Maria Paola, eu não entendo porque meus pais fizeram isso comigo, mas eu estou viva e posso conversar com a senhora. Eu sou tão feliz por isso! Eu perdoo eles, porque eu sei que não sabiam o que estavam fazendo para a filha deles. Mas eu bem que gostaria que a senhora me adotasse. Acho que seríamos ótimas amigas, ou melhor, filha e mãe. O que a senhora acha? Dá um abraço?

A mulher abraçou a menina e sentiu que jamais havia recebido um abraço como aquele. Ela começou a chorar. Era algo que não fazia há muito tempo. Um choro de alegria, afeto, carinho. Joice se afastou e pegou um pequeno lenço de papel no bolso e limpou as lágrimas da mulher:

- Não chora, dona Maria Paola. Eu quero muito te chamar de mãe. Eu gosto da senhora.

- Acho que você pode me chamar de filha, sim, garota! Mas daqui um tempo, né? Quando os papéis da adoção estiverem prontos...

- Ah, se você realmente me adotar, eu posso ter um gatinho de estimação?

- Um gato?! – Por essa, a contadora não esperava!

- Sim! Eu sou apaixonada por gatos e também por papagaios...

Maria Paola ficou pálida, mas tentou se conter para não assustar a garota da qual pegou tanta afeição:

- Bem minha querida, isso é uma longa história que a gente pode resolver depois, certo? Vamos conversar na direção do abrigo para eu te adotar com filha?

- Sim, claro! Eu não vejo a hora de ir morar na sua casa.

---